

## ENTRE O LATIM MEDIEVAL E O PORTUGUÊS MEDIEVAL A COMPLEMENTAÇÃO INFINITIVA \*

MARIA CRISTINA VIEIRA DA SILVA  
(Centro de Estudos Comparados da FCSH da UNL)

Com esta comunicação, visa-se apresentar uma descrição das construções completivas infinitivas presentes em dois *corpora* linguísticos distintos, incluídos no *Corpus Informatizado do Português Medieval - CIPM*<sup>1</sup>. Foram analisados, em paralelo, os dados de um *corpus* de textos notariais do Latim Medieval do século XI, constituído por documentos particulares e régios referentes ao futuro território português (série *Diplomata et Chartae* da edição *Portugaliae Monumenta Historica*) e os dados de um *corpus* de textos portugueses do século XIII, do mesmo tipo.

A escolha destes dois *corpora* (tipologicamente semelhantes, mas linguisticamente distintos, distando entre si mais de um século) e a perspectiva metodológica comparativa aqui adoptada têm por principal motivação a busca de fenómenos que manifestam variação e mudança linguística, no seguimento de trabalhos como Pearce (1990).

O levantamento das formas infinitivas que constituem o tema desta comunicação foi feito da seguinte forma. Relativamente aos dados do século XI, foi utilizado o programa de concordâncias Micro-OCP para elaboração de listagens de palavras, identificação morfológica das formas e obtenção das concordâncias. Já no que diz respeito aos dados do século XIII, foram extraídos a partir do *Dicionário de Verbos do Português Medieval*, instrumento de trabalho suportado por uma base de dados que permite buscas sobre o módulo de Morfologia verbal, bem como buscas sobre formas gráficas, acepções, sub-categorizações e exemplificação com as atestações mais antigas do *corpus* (cf. Xavier, M.F. e M.G.Vicente (1997)).

Uma primeira constatação diz respeito à crescente vitalidade na utilização de formas infinitivas no século XIII (correspondem a cerca de 2,3% do total de palavras daquele *corpus*) por oposição ao que se verifica nos dados do século XI (cerca de 0,9%). Estes números não parecem, em termos percentuais, particularmente significativos, mas ganham um maior peso quando entramos em consideração com o facto de os *corpora* em análise estarem desproporcionados entre si. Os textos relativos ao século XI têm cerca de 278.000 palavras (aproximadamente o dobro do total do *corpus* do século XIII, que conta com cerca de 134.000); no entanto, e contra o que seria provável, é no *corpus* menos extenso que se encontra o maior número de formas infinitivas. Tal facto parece constituir um bom argumento a favor do carácter não ocasional e linguisticamente significativo desta distribuição.

A distribuição de formas infinitivas nos dois *corpora* considerados enquadra-se basicamente em três tipos de complementação, consoante o infinitivo é complemento de uma forma verbal, nominal ou adjectival.

No quadro (1) regista-se a distribuição, nos dois *corpora*, das formas verbais mais frequentes<sup>ii</sup> que regem infinitivo:

(1) Distribuição de infinitivos regidos por formas verbais:

TIPO DE REGENTE <sup>iii</sup>	SÉCULO XI	SÉCULO XIII
AUXILIARES MODAIS	Posse/ Nequire 757	Poder 628
	Debere 26	Deuer 439
	Habere 34	Auer de 151
		Teer de 128
VOLITIVOS/ OPTATIVOS	Uelle/ Nolle/ Quaerere/ Cupere/ Studere 563	Querer 370
	Temptare 79	
	Audere/ Praesumere 86	Ousar 86
CAUSATIVOS	Mandare 29	Mandar 113
	Iubere 63	
		Leyxar 17
	Facere 11	Fazer 157
PERCEPTIVOS	Mittere 6	Enuiar 18
	Videre 19	Ver 4
DECLARATIVOS	Audire 3	Ouvir 30
	Promittere 1	Prometer 20
	Praedicere/ Dicere 30	

AUXILIAR ASPECTUAL		Ir	32	
	Venire	38	Uir	59
FACTIVOS	Placere/ Complacere	112	Plazer	1
	Mereri	34	Merecer	1
EPISTÉMICO	Cernere	13		
	Decernere	10		
	Dignoscere	16		
	Eligere	36		
	Credece	231	Pensar	1
EXPRESSÕES IMPESSOAIS	Oportet/ Convenit	8	Conuir	61
	Solet	6	Soer	13

Como se pode observar, o tipo de verbos que regem complementos infinitivos não varia significativamente, mantendo-se estável entre os dois períodos considerados.

De entre as várias sub-classes, revela-se particularmente interessante o conjunto dos verbos causativos e perceptivos<sup>iv</sup>. Estas sub-classes manifestam um comportamento sintáctico semelhante: trata-se de estruturas que, dependendo da transitividade da oração encaixada, admitem diferentes realizações dos seus constituintes e até a redistribuição de funções sintácticas. O interesse destes verbos reside ainda no facto de a sua utilização quando associados a orações infinitivas constituir, historicamente, um marco na evolução das estruturas de complementação do Latim para as línguas românicas. Passo a citar:

“Historically, the interest of this construction lies in the fact that causatives in Latin were expressed by one of *facere*, *efficere*, *curare*, followed by *ut* + subjunctive. The Romance development therefore represents the emergence of a pattern closely akin to the otherwise moribund accusative + infinitive, even where an explicit clausal structure might seem to be called for in view of the fact that there are no missing arguments. All of which suggests, contrary to a view sometimes expressed, that there was no internal inadequacy in the accusative and infinitive which led to its demise, and its replacement by the QUOD structures we have described is simply a consequence of a major reorganisation in the patterns of Romance complementation”.

Vincent (1988: 69-70)

A vitalidade destas construções nos dados do Português Medieval não deverá, pois, surpreender-nos, visto que, neste período, se configura já um padrão

de complementação muito próximo do das actuais línguas românicas. Mais surpreendentes se revelam os dados relativos ao século XI, evidenciando estruturas muito semelhantes às do século XIII:

- (2) Construção causativa: V1 + Sujeito da or. infinitiva com caso oblíquo + V2 transitivo
- a. Et **mandauit** domnus sisnandus illa **a nobis ponere** de iudicio sicut (1098, DC898)  
 “E mandou senhor Sisnando ela a nós pôr em juízo assim”
- b. Ca se el rey ou os alcaides **ma-dare~ a outros omees** per carta ou per parauoa **juygar** alguus preytos (1280?, FR)
- (3) Construção causativa: sem sujeito da or. infinitiva expresso + V1 + V2 transitivo
- a. Ego tuda diaz que **illam scrib[er]e feci** mea manu robo. (1089, DC720)  
 “Eu, Tuda Dias, que a escrever fiz, (com) minha mão robo”
- b. **esta carta** en mia presença **ffiz escreuer** (1295, HGP108)
- (4) Construção causativa: com sujeito da or. infinitiva expresso + V1 + V2 ergativo
- a. et **mandauit eos intrare** in pactum (1079, DC572)  
 “e mandou-os entrar no pacto”
- b. E se o alcalde o achar en uerdade noño **faça uijr me-tre** que for doente (1280?, FR)

Outro dos fenómenos que se observa na transição entre os dois períodos diz respeito ao aparecimento sistemático, no século XIII, de complementos infinitivos preposicionados introduzidos pelas partículas *de* e *a(d)*.

Foi já observado na literatura que estas preposições têm uma diferente distribuição, correspondendo a diferentes motivações linguísticas. *A(d)* parece encontrar-se mais frequentemente associado a verbos “orientados para o futuro”, indicando movimento ou fim (como, por exemplo, *começar a; persuadir a*). Pelo contrário, a preposição *de* quando associada ao infinitivo não parece ter um valor semântico inerente, sendo descrita como resultante do aparecimento do sistema de complementação das línguas românicas, nas quais concorre, em distribuição complementar, com o padrão *Que* + conjuntivo (*impediu-o de sair/ impediu que ele saísse*).

De facto, o contraste entre os dados do século XI e XIII vem confirmar esta tendência. Atente-se no quadro (5), que apresenta a distribuição de infinitivos preposicionados nos dois *corpora*:

(5) Distribuição de infinitivos preposicionados nos séculos XI e XIII:

SÉCULO XI		SÉCULO XIII	
Uenire ad	2	Vir a	10
		Querer a	1
Quaerere ad	1	Fazer a	18
		Soer a	10
		Dever a	213
		Obligar-se a	15
		Acostumar a	4
		Esperar a	2
Adiudare ad	1	Ajudar a	4
		Usar a	1
		Consentir a	1
		Prometer a /de	11
		Começar a/ de	11
		Teudo a/ de/ por	128
Audere ad	3	Ousar a/ de	82
		Outorgar a/ de	11
		Acordar de/ en	3
Habere a(d)	24	Haver de	149
		Guardar-se de	4
		Escusar-se de	2
		Trabalhar-se de	1
		Tolher de	1

As ocorrências de infinitivos preposicionados nos dados do século XI têm uma frequência muito reduzida (apenas *habere a* ocorre mais sistematicamente), sendo aspectuo-temporalmente orientados para o futuro:

(6) Formas infinitivas preposicionadas no século XI:

a. ipse plantato que faces in illa ereditate de uilar de porcus que nosco adbes ad partire que plantes ila et aducmentes quantum potueris (1025, DC256)

"esse cultivo que fazes em aquela herdade de vilar de P. que connosco tens a partir, que plantes ela"

- b. et qui **veneri**, sive venerimus de pars nostra **ad infrijere**, (1033, DC280)  
 “e quem vier, ou viermos da parte nossa a infringir.”
- c. aliquis omo ueuerit uel uenerimus nos aut aliquis ex propinquis nostris qui **anc cartutula(sic) uenditionis quesierit ad inrumpere** (1090, DC739)  
 “algum homem vier ou viermos nós ou algum dos nossos próximos que esta carta de venda procurar a forçar”
- d. accepimus in precio in #X modios que se face de illos sanal que **uos habuimus a dare** (1009, DC208)  
 “aceitamos em preço em 10 módios que se faça deles sinal que vos temos a dar”
- e. et si **ausato fuerit illa ad uindere** aut ad donare (1083, DC618)  
 “e se ousado fosse esta a vender ou a doar”

Relativamente aos dados do século XIII, observa-se, a par do aumento da frequência de formas infinitivas preposicionadas, uma maior variação quer quanto à possibilidade de ocorrência do infinitivo preposicionado/não-preposicionado, quer ainda quanto à escolha da preposição.

(7) Formas infinitivas preposicionadas no século XIII:

- a. se aq(ue)l por que fiou **começar d(e) mal |meter| ou d(e) alhear o seu** (1280?, FR)  
 a'. & demarcado & coutado assi como de suso e d(i)c(t)o **começamos a p(ar)tir** & a marcar & a Coutar p(er) ma~dado (1265, CA04)  
 a''.co~ta~do o Ano daq(ue)l dia q(ue) **começou se~e~r Reuel.** (1280?, FG5)
- b. no~ seya~ **ousados d(e) diz(er)** aos alcaydes qua iuyga~ torto, (1280?, FR)  
 b'. deffende nosso Senhor el Rej q(ue) nenhu~u no~ seia **ousado a filhar** palha (sec.13/14, CHP068)
- c. tod' este q(ue) Elrey manda outorgo´o´ e **p(ro)meto de o te´e´r;** (1273, CA20)

ENTRE O LATIM E O PORTUGUÊS MEDIEVAL

- c'. outorgo & **p(ro)meto** esto a te'e'r & guardar ad uos & uos a mi~ (1265, HGP3)  
 c''. **p(ro)meto** todas estas cousas sob(re) d(i)tas **(con)p(r)ir** & **aguardar** a bo~a ffe (1298, HGP113)
- d. q(ue) ho hy ma~dou (e) polha nossa. assy comho' o' de der(ei)to **deui'a~ dauer** (1299, CHP29)  
 d'. & **deuem(os)** este casar & todas suas h(er)dades a **laurar** & **p(ar)ar** moy be~ (1285, HGP56)  
 d''. **deuedes laurar e asseme~tar** (e) acauar e' adubar o d(i)to h(er)dame~to (1299, CHP64)
- e. q(ue) uos segades **teudu pulas fazerd(e)s** pagar. (1268, CHP2)  
 e'. non seya **teudo de responder** aos out(ro)s, (1280?, FR)  
 e''. seya **teudo a respo~der** por elles e o q(ue) el fez(er) ualha (1280?, FR)
- f. **dixe** que **p(er)** essa medida **auyam a dar** os ditos cinquy moyos ao dito moesteyro (1289, HGP141)  
 f'. Ij dessem en razo~ da renda q(ue) Ilj **am de dar** da d(i)ta eygl(e)ia (1281, HGP99)

Para além da ocorrência de formas infinitivas regidas por verbos de diversas classes, assiste-se, nos dados do século XIII, ao desenvolvimento de formas infinitivas complemento de nomes e adjectivos que só esporadicamente surgem nos dados do século XI:

(8). Distribuição de infinitivos regidos por formas nominais e adjectivais:

SÉCULO XI		SÉCULO XIII	
Licentia <b>de</b>	16	Leçença <b>de</b>	2
Licentia	69		
Licentia <b>a(d)</b>	10		
Potestatem	13	Poder <b>de/ Poderoso de</b>	74
Potestatem <b>de</b>	2		
		Dereyto <b>de</b>	14
		Cubijça <b>de</b>	2
		Uontade <b>de</b>	3
		Corazo~ <b>de</b>	3
		Pea <b>de</b>	5
		Possisson <b>de</b>	3

	Mester <b>de</b>	3
	Seruiço <b>de</b>	2
	Medo <b>de</b>	3
	Amor <b>de</b>	1
	Razo~ <b>de</b>	8
	Uergonha <b>de</b>	2

Se no século XI se registam formas nominais que regem quer infinitivo não-preposicionado, quer infinitivo preposicionado, (podendo estes últimos ser introduzidos indistintamente pela partícula *de* ou *a*), já no século XIII se revela uma clara escolha da preposição *de*.

Uma das questões que tem sido recorrentemente levantada em trabalhos que procuram estabelecer e mesmo quantificar a mudança linguística é a ordem de constituintes. É também uma matéria que se reveste de alguma polémica, entre os que consideram não ser lícito estabelecer com rigor uma ordem de constituintes numa dada língua (sujeita a considerações de ordem pragmática e discursiva, a variação de estilo entre autores, de tipologia de textos) e os que consideram possível estabelecer senão uma ordem básica, pelo menos uma tendência na ordenação de constituintes.

Nos dados que temos vindo a analisar, os factores pragmáticos e discursivos estão, de alguma forma, controlados, visto tratarem-se de textos notariais, num registo escrito, cuja funcionalidade não favorece variações estilísticas significativas.

Relativamente à ordem de constituintes, o elemento determinante parece ser a posição do núcleo verbal. Nesse sentido, iremos procurar avaliar a sua distribuição relativamente à posição ocupada pelo objecto directo (OD), visto que a posição de sujeito parece ser menos crucial, encontrando-se este muito frequentemente omissivo.

(9) Distribuição relativa de V e OD nos dados dos séculos XI e XIII:

	OD V1 V2	V1 OD V2	V1 V2 OD
<b>Séc. XI</b>	54,4%	5,1%	4,3%
<b>Séc. XIII</b>	22,2%	3,9%	40%

Os valores de (9) mostram claramente que a ordem OD V corresponde ao padrão dominante no estágio de língua presente nos dados do século XI (com uma percentagem de 54,4% contra 4,3%), sendo que a tendência se inverte nos dados do século XIII, com o predomínio da ordem V OD (40% contra 22%)<sup>9</sup>.



Para determinar de forma mais rigorosa qual o padrão de distribuição relativa dos constituintes nos dois estádios de língua representados pelos *corpora*, seria necessário alargar a observação não só a estruturas finitas, como ainda a elementos que manifestam uma distribuição paralela (nomeadamente a ordem relativa entre nomes e pré-/pós-posições; nomes e adjectivos/orações relativas, etc.).

Atentemos agora na distribuição do verbo subordinante (V1) relativamente à forma infinitiva (V2) patente nos dados em análise:

(10) Distribuição relativa de V1 e V2 nos dados dos séculos XI e XIII:

	V1 V2	V2 V1
Séc. XI	41,7%	52,1%
Séc. XIII	76,7%	2,5%

Também aqui, o contraste entre os dados dos séculos XI e XIII parece ser significativo da tendência para a fixação da posição de V2 à esquerda de V1 (tendência já verificada no século XI relativamente à posição de OD), contrariamente ao que ocorre nos dados do século XIII, em que a ordem é claramente V1 V2 (76,7% contra 2,5%).

O contraste observado entre os dados dos dois períodos, longe de ser surpreendente, decorre da evolução que resulta no estabelecimento das línguas românicas.

Os dados aqui trabalhados deverão, pois, ser interpretados numa perspectiva de um processo contínuo e prolongado de mudança linguística de um padrão (S) OD V (tendencialmente presente no latim clássico, ainda que esta questão não seja pacífica)<sup>vi</sup> para um padrão (S) V O (o qual vingou nas línguas românicas tal como as conhecemos hoje).

Em resumo, poder-se-á dizer que os dois *corpora* revelam, no que à complementação infinitiva diz respeito, diferenças assinaláveis, nomeadamente:

- na frequência das formas infinitivas;
- na frequência e distribuição de infinitivos preposicionados;
- na selecção das preposições que introduzem os infinitivos preposicionados;
- na ordem de constituintes (quer na ordem relativa entre o verbo subordinante e a infinitiva subordinada, quer na ordem relativa entre a posição de Objecto directo e do(s) verbo(s));

Parece-nos que seria proveitoso alargar a análise, por um lado, a dados do século XII (para melhor compreender de que forma se processou a transição entre os dois estádios de língua representados nos dados dos séculos XI e XIII), por outro lado, aos dados do século XIV (os quais eventualmente poderão confirmar as observações aqui feitas).

### Notas

\* Este trabalho foi realizado na qualidade de bolsreira do Programa Praxis XXI, ao abrigo do Projecto "Corpora do Português Medieval, Etiquetagem e Segmentação Automática", PRAXIS /2/2.1/CSH/778/95.

i Cf. Xavier; Brocardo e Vicente (1995).

ii São apenas assinaladas as formas verbais regentes de infinitivo com uma frequência igual ou superior a dez ocorrências em cada um dos dois *corpora* trabalhados.

iii Seguimos aqui, para a classificação de verbos que regem infinitivo, uma versão ligeiramente modificada da tipologia usada em Mateus *et alli* (1989).

iv Cf. Silva (1997) para uma descrição destas construções em Português Medieval dos séculos XIII e XIV.

v O facto de esta diferença não ser tão marcada no século XIII como no século XI prende-se com o facto de terem sido incluídos nas contagens contextos de constituintes-*wh* movidos para a periferia esquerda da frase, bem como contextos de ênclise do pronome clítico.

vi Cf. entre outros, Blake (1991), Pinkster (1991), Vincent (1988).

### Bibliografia

- BLAKE, R. (1991) "Syntactic aspects of Latinate texts of the Early Middle Ages" in Wright, R. (ed.) *Latin and the Romance Languages in the Early Middle Ages*, London: Routledge.
- CINTRA, L.F.L. (1990) "Notícia do Torto (ca. 1214)" *Boletim de Filologia*, vol. XXI, pg. 37-41.
- DUARTE, L. (1986) *Os Documentos em Português da Chancelaria de D. Afonso III (Edição)*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- FERREIRA, A. (1980) *Alphonse X, Pymeira Partida*, Coimbra: INIC.
- FERREIRA, A. (1986) "Tempo dos Preitos. Edição e estudo linguístico dos "Tempos dos Preitos"" in J. Roudil, *Summa de los Neuve Tiempos de los Pleitos. Édition et Étude d' une Variation sur un Thème*, Paris: Klincksieck.
- FERREIRA, A. (1987) *Afonso X, Foro Real. Edição, Estudo Linguístico e Glossário*, 2 vols., Lisboa: INIC.
- GARVÃO, H. (1992) *Foros de Garvão. Edição e Estudo Linguístico*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: FLUL.

- HERCULANO, A. (dir.) (1867-1873) *Portugaliae Monumenta Historica a Saeculo Octavo post Christum usque ad Quintum Decimum - Diplomata et Chartae*, vol. I, Lisboa.
- MALTA, C. (1986) *História do Galego-Português. Estado Lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal do Século XIII ao Século XVI*, Coimbra: INIC.
- MARTINS, A. (1994) *Clíticos na História do Português*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa: FLUL.
- MATEUS, M. H. M. *et alii* (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*, 2ª edição rev. e aum., Lisboa: Editorial Caminho.
- PEARCE, E. (1990) *Parameters in Old French Syntax: Infinitival Complements*, Dordrecht: Kluwer.
- PINKSTER, H. (1991) "Evidence for SVO in Latin?" in Wright, R. (ed.) *Latin and the Romance Languages in the Early Middle Ages*, London: Routledge.
- RODRIGUES, C. (1992) *Dos Costumes de Santarém*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- SILVA, C. V. (1997) "As construções causativas em textos notariais dos séculos XIII e XIV", *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Colibri.
- VINCENT, N. (1988) "Latin" in Harris, M. & N. Vincent (eds.) *The Romance Languages*, London: Croom Helm.
- XAVIER, M.F.; BROCARD, M.T.; VICENTE, M.G. (1995) "CIPM - Um Corpus Informatizado do Português Medieval", *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Colibri.
- XAVIER, M.F.; VICENTE, M.G. (1997) "A Problemática de um Dicionário de Verbos do Século XIII" in *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*, Porto: Campo das Letras.